

LITERATURA INFANTIL E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Lidiani da Rocha Prado

Pedagoga – Discente em Psicopedagogia pela Universidade Federal de
Uberlândia - MG

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte de pesquisa em andamento. Trata-se de um estudo sobre a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento cognitivo e conseqüentemente a formação social das crianças. Para tanto está sendo realizada uma pesquisa de campo junto aos professores e alunos de duas escolas, sendo uma de Educação Infantil público e a outra do ensino particular. Os resultados apresentados mostram a importância da leitura para a criança desde seu primeiro ano de vida, pois a criança possui necessidade de fantasia e imaginação. Assim, precisamos resgatar urgentemente em nossas escolas o hábito da leitura para a amenizar a situação que se encontra a Educação e Infância nesse País.

Palavras-chave: Literatura infantil; desenvolvimento cognitivo; educação

ABSTRACT

This article presents a in progress clipping of research. The social formation of the children is about a study on the importance of Infantile Literature for the cognitivo development and consequently. For in such a way she is being carried through a research of together field to the professors and pupils of two schools, being one of public Infantile Education and to another one of particular education. The presented results show the importance of the reading for the child since its first year of life, therefore the child possesss necessity of fancy and imagination. Thus, we need to urgently rescue in our schools the habit of the reading to brighten up the situation that if finds the Education and Infancy in this Country.

KEYWORDS: infantile literature; cognitive development; education.

INTRODUÇÃO

Piaget conceituou o desenvolvimento como um processo de equilíbrio progressivo, que tende a formas cada vez mais aperfeiçoadas até a aquisição do pensamento operacional formal. O equilíbrio refere-se à forma pela qual o indivíduo lida com a realidade na tentativa de compreendê-la, obtendo como finalidade a adaptação. Piaget (1967), explica que o desenvolvimento consiste de constantes passagens de um estado de equilíbrio para um estado de desequilíbrio, resultando num equilíbrio superior. Assim, a criança desenvolverá de uma maneira mais eficiente e saberá interagir com o seu ambiente.

Com o propósito de definir essas diferentes formas de interação, Piaget divide o desenvolvimento intelectual da criança em quatro grandes estágios seqüenciais: sensório-motor (0 - 2 anos); pré-operacional (2 - 7 anos); operacional concreto (7 - 11 anos) e operacional formal (a partir dos 11 - 12 anos). As idades cronológicas, durante as quais espera-se que as crianças desenvolvam comportamentos representativos de um dado estágio, não são fixas. Elas podem variar de acordo com a experiência individual e o potencial hereditário (Piaget, 1964). Ressalta-se que cada estágio possui uma estrutura diferente que possibilita à criança representar certos conceitos. Dentre esses conceitos está a *reversibilidade*, que consiste na capacidade de reverter mentalmente um tipo de raciocínio, ou seja, partir de determinado ponto e voltar a ele fazendo uma operação inversa. As crianças adquirem este tipo de raciocínio durante o estágio das operações concretas. Assim nada mais oportuno que aproveitar dessa fase da criança para despertar o gosto e o prazer pela leitura.

Destaca-se que atualmente parece que nossa sociedade vem se esquecendo das crianças e de sua ludicidade, pois o que mais encontra-se nas escolas para crianças são professores querendo alfabetizá-las desde os primórdios da Educação Infantil. Vários estudos mostram a importância de se desenvolver a criatividade e a ludicidade da criança através da leitura. Mas as escolas não conseguem realizar um planejamento escolar que não seja apenas pedagógico. Assim, as crianças estão cada dia sendo mais vítimas das falhas dos adultos que estão arrancando a sua liberdade de brincar, imaginar, fantasiar, entre outros. A escola na sua função alfabetizadora está valorizando

somente "a escrita", de tal maneira que menospreza a função lúdica da Literatura Infantil que é tão importante para a formação de seres pensantes, pois a leitura estimula a imaginação.

Zilberman (1993) mostra que em muitas escolas o processo de alfabetização ainda é feito de forma mecânica e estática, fazendo com que a criança se afaste dos livros, seja por ter sido alfabetizada de maneira inadequada, seja por desejar esquecer experiências didáticas desprazerosas.

Diante desse contexto, a literatura poderá ser um instrumento poderosíssimo para a formação psicológica dos educandos, pois ela forma porque ensina (JABUR, 2003). É sabido que países civilizados sempre basearam suas instruções nas letras. Desse modo, acredita-se que a literatura vai além das obras e pode ser definida de acordo com (CANDIDO, 1972) como algo que exprime o homem, então, atribuir a literatura uma função psicológica é perfeitamente aceitável, pois independente da idade ou da condição social, a fruição da literatura baseia-se na necessidade de fantasia que o ser humano possui (JABUR, 2003). A fantasia na maioria das vezes, está relacionada a uma realidade e, como base nesse vínculo fantasia e realidade, é possível pensar em literatura com determinada função na formação do homem, embora esta não tenha que cumprir tal papel (JABUR, 2003). Assim, pode-se dizer que a personalidade de qualquer ser humano, sobretudo a da criança, pode sofrer forte influência da literatura, uma vez que esta atua de forma que não se pode avaliar (CANDIDO, 1972).

Segundo Zilberman (1987, p.12) "*o ler relaciona-se ao desenvolvimento lingüístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com função específica da fantasia infantil, com credulidade na história e a aquisição do saber*". Nesse sentido a literatura infantil oferece a parte contrária ao caráter pedagógico, compreensível a partir do exame da perspectiva da criança e do significado que o gênero pode ter para ela. Sua atuação dá-se dentro da faixa de conhecimento, porque pode conceder ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais, o saber adquirido dá-se por meio do domínio da realidade empírica, isto é, aumenta a dimensão de compreensão, aquisição de linguagem produtos recepção histórica pela audição ou leitura e da decodificação da mesma.

No processo inicial da leitura, ocorre o que se chama de decodificação, ou seja, a inteligência opera com a discriminação visual dos símbolos impressos e a associação entre a palavra impressa e o som. A visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar também estão envolvidos nesse processo como referenciais elementares na aquisição dos símbolos gráficos, já essa "leitura sensorial" começa muito cedo em nossa vida.

É importante também destacar a "leitura emocional" que os sentimentos, as emoções mostram até inconscientemente. Bettelheim (2002, p.185), relata que a leitura de uma estória para a criança deverá ser realizada com todo um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar à ela. Abramovich (1993, p.14) reforça esse argumento relatando que :

Ler histórias para crianças sempre é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um ator, e então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de desenvolvimento. É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões.

As estórias que encantam as crianças são certamente encantadoras também para os adultos que se permitem e deixam levar pela leitura. Podem ser estórias engraçadas, profundas, sentimentais ou simplesmente belas; podem ser curtas ou extensas, com muitas ou poucas ilustrações, mas devem sem sombra de dúvida provocar emoções.

As estórias existem para serem contadas e não traduzidas ou interpretadas, menos ainda para serem questionadas como tarefa escolar neste momento em que se busca despertar o prazer pela leitura. Assim, é preciso, resgatar urgentemente em nossas escolas, principalmente nas de Ensino Fundamental e de Educação Infantil a prática de leitura por prazer, sem cobrança de entendimento dos textos por meio de provas cansativas e acadêmicas. Toda a escola deveria, pelo menos uma vez por semana, propiciar às crianças o manuseio de livros em sala de aula para desenvolver o gosto pela leitura em seus aspectos sensoriais, emocionais e intelectuais, de uma forma racional e dinâmica.

A criança aprende a ler lendo, e não passivamente, copiando inúmeras vezes uma palavra ou frase, e muito menos por meio de cópias longas e exaustivas. Vejamos o que diz Zilberman (1987, p.12) "*o ler relaciona-se ao desenvolvimento lingüístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com função específica da fantasia infantil, com credulidade na história e a aquisição do saber*". Nesse sentido a literatura infantil oferece a parte contrária ao caráter pedagógico, compreensível a partir do exame da perspectiva da criança e do significado que o gênero pode ter para ela. Sua atuação dá-se dentro da faixa de conhecimento, porque pode conceder ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais, o saber adquirido dá-se por meio do domínio da realidade empírica, isto é, aumenta a dimensão de compreensão, aquisição de linguagem produtos recepção histórica pela audição ou leitura e da decodificação da mesma.

Destaca-se que não há como saber em que idade um conto específico será mais importante para uma criança específica, não podemos decidir qual dos vários contos ela deveria escutar num dado período ou por quê. Isto só a criança pode determinar e revelar pela força com que reage emocionalmente àquilo que um conto evoca na sua mente consciente e inconsciente. Naturalmente, um pai começará a contar ou ler para seu filho as histórias que ele ouvia quando criança. Se a criança não interessar pela história é sinal que não é significativa para ela, isto é, os temas apresentados não despertaram significância para sua vida. Daí, é melhor partir para outra história, e assim irá verificando o que mais chama a atenção da criança através de seu entusiasmo ao ouvir aquela história, certamente ela irá pedir que conte a história repetidas vezes. Assim é necessário que ao contar uma história para a criança é necessário sempre seguir a orientação da mesma. Bettelheim (2002) explica que mesmo que o pai saiba a razão que levou o filho a ficar envolvido emocionalmente pela história, é conveniente que não demonstre pois *é sempre invasor interpretar os pensamentos inconscientes de uma pessoa, tornar consciente o que ela deseja manter pré-consciente, e isto é especialmente verdade no caso da criança (p.26)... Se o pai indica que já os conhece, criança fica impedida de fazer o presente mais precioso a seu pai, o de compartilhar com ele o que até então era secreto e privado para ela.* Desse modo, explicando para a criança porque o conto de fada é

importante para ela, destrói o encantamento da estória, que depende em grau considerável, da criança não saber absolutamente por que está maravilhada. E ao lado do confisco deste poder de encantar vai também uma perda do potencial da estória em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a estória significativa para ela. Entretanto, nós crescemos, e encontramos segurança em nós mesmos por termos resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles terem sido explicados por outros (p.27). Assim pode-se afirmar que, as estórias que encantam as crianças podem ser estórias engraçadas, profundas, sentimentais ou simplesmente belas; podem ser curtas ou extensas, com muitas ou poucas ilustrações mas devem provocar emoções pois, as estórias por si dão forma e sentido às inquietações das crianças e conduzem-nas a uma solução. Porém, como relata Coelho (1997, p.31), "a criança é atraída particularmente pelas estórias bem-humoradas em que a astúcia do fraco vence o Mal". Bettelheim (2002) reforça esse argumento:

as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo versus o errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia. Quanto mais simples e direto é um bom personagem, tanto mais fácil para a criança identificar-se com ele e rejeitar o outro mal. A criança se identifica com o bom herói não por causa de sua bondade, mas porque a condição do herói lhe traz um profundo apelo positivo. A questão para a criança não é "Será que quero ser bom?" mas "Com quem quero parecer?". A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também (Bettelheim, p.18).

Desse modo, resgatando o gosto pela leitura estaremos contribuindo para que as crianças sejam pessoas mais bem-resolvidas no futuro. Quando os educadores se conscientizarem desse papel, ocorrerá a grande e esperada transformação na educação. Assim sendo, nada mais oportuno que iniciar essa atividade desde a Educação Infantil, pois se conseguirmos fazer com que a criança desde as primeiras serie tenham contato com contos e poesias, conquistaremos significativo avanço intelectual e assim poder-se-á inferir uma quebra do paradigma que crianças menos favorecidas socioeconômico e culturalmente não aprendem a ler e escrever porquê não tiveram contato com materiais apropriados desde pequenas.

Desse modo, pretende-se inferir aos educadores que trabalham com crianças, a uma conscientização de que a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento e gosto pela leitura. Assim poder-se-á verificar o papel da literatura infantil para o desenvolvimento do gosto para a leitura; a conquista da linguagem oral e escrita e o que consideramos primordial na educação atualmente - a formação integral do indivíduo como cidadão.

Destaca-se que há necessidade de conhecer os verdadeiros clássicos da Literatura Infantil: Os irmãos Grimm; Hans Christian Andersen; Charles Perrault e Andersen. Na Literatura Brasileira, também temos alguns autores que dedicaram à Literatura Infantil: Monteiro Lobato; quem não conhece uma boneca de pano chamada Emília, os meninos Narizinho e Pedrinho, a tia Anastácia, o Visconde de Sabugosa e a Dona Benta? Quando lemos um livro de Lobato parece que estamos dentro daquele sítio mágico e participando de todas aquelas aventuras. Maria Clara Machado, autora de *Pluft, o fantasminha*, um texto para o teatro infantil que foi encenado pela primeira vez em 1955 e que até hoje é lido e adorado pelas crianças. Outros autores famosos como Cecília Meireles e Vinicius de Moraes também dedicaram um tempinho para escrever poemas feitos especialmente para as crianças. Tem-se também Ana Maria Machado e Ruth Rocha, que são premiadas com vários livros infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura não existe para mudar um sistema social ou ensinar coisas. Quando ela obedece a esse princípio, ela cumpre um papel humanizador e leva, à melhoria do leitor, portanto a literatura contribui para que o Homem se encontre nos homens. No que diz respeito às crianças, preservar a relação entre a literatura e a criança é garantir a esta formação, pois segundo Zilberman (1985), a literatura sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com que o leitor vive cotidianamente. Desse modo, por mais distante e diferente que seja a vida do leitor, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário, porque ainda fala do seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, conhecê-lo melhor.

Desse modo, verifica-se que a literatura infantil pôde propiciar para uma aprendizagem mais significativa para crianças. Assim sendo, nada mais oportuno que iniciar essa atividade desde os primórdios da Educação Infantil, pois se ao fazer com que a criança desde as primeiras serie tenha contato com contos e poesias poder-se-á conquistar significativo avanço intelectual, rompendo com o paradigma atual de que crianças menos favorecidas socioeconômico e culturalmente não aprendem a ler e escrever porquê não tiveram contato com materiais apropriados desde pequenas.

Ressaltamos ainda que através da leitura oral a criança aprende: a ser cooperativa; a sonhar; a brincar; a sorrir; a ouvir e a falar com seus colegas e professores; a serem iguais uns aos outros o que consideramos de fundamental importância para o fortalecimento da auto-estima. A criança necessita de consistência, regras e controle, precisa ainda, com urgência de espaço para aprender a lidar com a própria vida, de forma que lhe propicie uma responsabilidade, independência e liberdade de fazer escolhas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. In: Ciência e Cultura. São Paulo. v.24, n.9, 1972.
- COELHO, N. C. **Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1997.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar. 1964.
- PIAGET, J. **A construção do real**. Rio de Janeiro: Zahar. 1967.
- JABUR, M.R.M. **Sidónio Muralha: um poeta português na literatura infantil brasileira**. Dissertação de Mestrado. UNESP – Araraquara, São Paulo, 2003.
- ZILBERMAN, R. **O estatuto da literatura infantil**. In: _____; MAGALHÃES, Lígia



**Revista
Científica
Eletrônica
de
Pedagogia**

Publicação
Científica da
Associação
Cultural e
Educativa
de Garça

Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, R. A leitura na escola. Em: Zilberman, R. *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto. p. 9-22. 1993.